

ORIENTAÇÃO PAIS E PROFESSORES DEVEM EDUCAR AS CRIANÇAS DESDE CEDO PARA QUE GOSTEM DE SI MESMAS E PARA QUE COMBATAM O RACISMO

Sim para a auto-estima e não para a discriminação racial

Especialistas mostram como adultos devem abordar a igualdade racial com as crianças

PAULA STANGE

pstange@redgazeta.com.br

Cabelo duro, de pico, crespo, pixaim, piaçava, sarará, bombril. Em resumo: cabelo ruim. Quantos adjetivos você, negro ou negra, já deve ter ouvido na vida? Pergunte a todos os seus amigos (principalmente amigas) negros qual a relação que têm com o cabelo e verá que 99% têm problemas em aceitá-lo e chegaram a testar algum método louco de alisamento.

A rejeição costuma ir além, para os traços característicos, a cor da pele, o nariz... Agora imagine como é para

uma criança negra lidar com uma auto-imagem tão negativa. Vai ser difícil e dolorido saber se impor com confiança perante uma sociedade cujo padrão estético é loiriso-magro-olhos claros.

Os especialistas dão um recado: pais e professores devem educar essas crianças desde cedo a gostarem de si mesmas. É de pequeno que se constrói uma boa auto-estima e se combate o racismo.

ATITUDE. Nesta reportagem, eles mostram como os adultos devem abordar a temática da igualdade racial dentro de casa

e na escola. Qual deve ser, por exemplo, a atitude dos pais quando o filho chega em casa dizendo que foi chamado de negrinho por um colega?

“Ofensas como essa afetam não só o corpo, mas a identidade da pessoa. É uma violência. As crianças não nascem racistas, são educadas para discriminar”, observa a psicóloga Maria Lúcia da Silva, do Instituto Amma-Psi-quê e Negritude.

Para a professora do Centro de Educação da Ufes, pesquisadora da questão étnico-racial, Dulcinea Benedicto, a escola deve ser um espaço receptivo e ensinar o respeito às diferenças. “Deve estar preparada para lidar com a discriminação. Não achar que é brincadeira e nunca silenciar”.

A psicóloga, professora

doutora do Instituto de Psicologia da USP e diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), Cida Bento, diz que os primeiros sete anos de vida são cruciais para a construção da auto-estima da criança. Os pais devem contar histórias, fazer com que ela se orgulhe da sua origem, ajudá-la a se ver como uma figura bonita, importante e capaz.

E fora de casa, como lidar com propagandas, programas televisivos e até livros didáticos que só mostram crianças brancas? “É um embate permanente. O pai tem que conversar abertamente com a criança”, orienta.

Leia mais sobre discriminação racial na página 10.

Chapinha e escova aos 5 anos

Mãe se vê dividida entre alisar o cabelo da filha e lhe dar lições sobre a questão racial

“Mãe, não esqueça a chapinha,

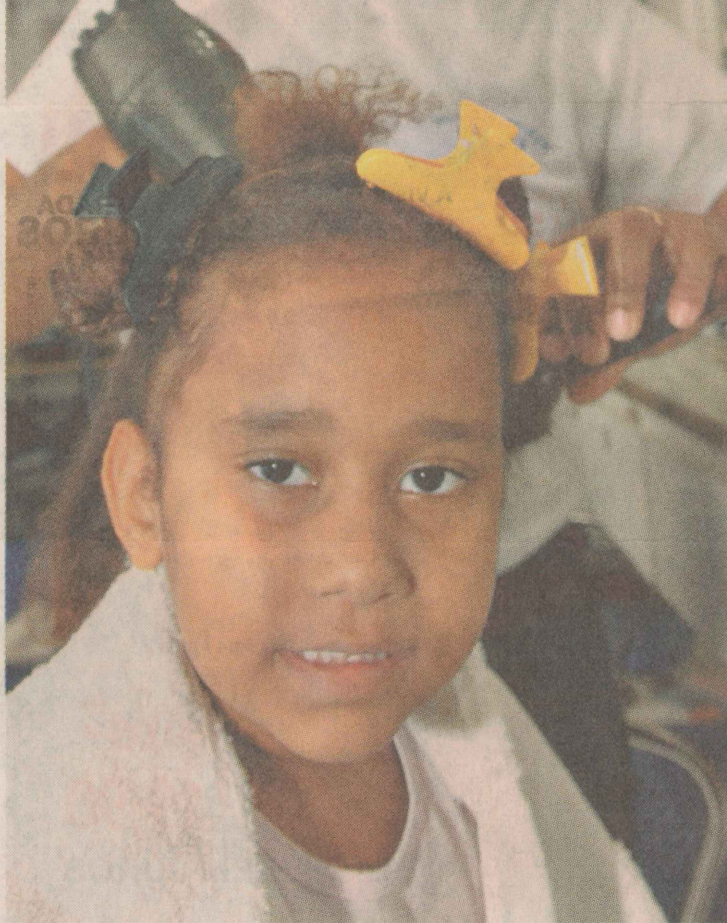
ria, a dona do salão de beleza se vê dividida entre alisar o cabelo da filha e lhe dar lições sobre a questão racial.

“Ela é negra como eu e o pai dela! Não adianta ir contra a natureza. É a genética! Tem que valorizar,



Trancinhas





VAIDADE. A pequena Nayara já está acostumada ao ritual no salão de beleza e faz escova pelo menos uma vez por semana. FOTO: GILDO LOYOLA

“Mãe, não esqueça a chapinha”, diz Nayara. Aos 5 anos, ela já é acostumada ao ritual de alisar os cabelos. Faz escova pelo menos uma vez por semana. Claro que, de tão pequena, precisa da ajuda da mãe, que por sorte é cabeleireira.

“Não quero que ela fique escrava da chapinha. Mas não deixo o cabelo dela sem relaxamento. Hidrato, corto as pontinhas para que se desenvolva, cresça”, diz Iraci Maria da Silva Araújo.

Antes fosse só vaidade. Iraci tem consciência de que a questão vai além e já virou motivo para dor de cabeça na família. Está preocupada porque a menina não se aceita como é e tem baixa auto-estima.

“Quando ela alisa o cabelo, recebe elogios, fica soltinha, brinca. Ela é inteligente e consegue ver a diferença”.

Moradora de um bairro de classe média em Vitó-

ria, pai dela! Não adianta ir contra a natureza. É a genética! Tem que valorizar, aceitar o cabelo que tem, a cor da pele, o nariz. Mas minha filha é muito novinha para entender essa questão de raça”.

Só que não dá para fugir do assunto. Quando Nayara era menor, começou a fazer balé. Ficou pouco tempo porque, segundo a mãe, outra criança disse a ela que “não existem bailarinas negras”.

Por essas e outras, a menina já andou questionando a mãe: “Por que Deus me fez assim?”. Iraci diz o tempo inteiro que sua filha é linda, mas não adianta a mãe dizer, se o mundo lá fora mostra que não. “O modelo de beleza é loiro, dos olhos azuis. É assim na televisão, nas novelas”, critica a cabeleireira.

Na sala de aula, Nayara é a única aluna negra. “Estou atenta, cobro dos professores. Observo se ela não está sendo excluída, recebendo menos atenção. Quero que minha filha seja alguém na vida, tenha uma profissão”.

Trancinhas

VISÃO. Ellen tem 9 anos e, apesar de aparecer linda e satisfeita na foto, não gosta das suas trancinhas. A mãe, Elizangela David, 24 anos, admite que colaborou para que a menina rejeitasse o próprio cabelo. “Aliso o meu, faço escova. Já usei química no cabelo dela, mas ela é alérgica”, conta. A rejeição está dentro da família. “Os primos ficam falando que o cabelo dela é

de pico”. Sabendo dos prejuízos que isso pode trazer à auto-estima da filha, Elizangela tenta mudar a visão que a menina tem de si mesma. “Mostro negras bonitas que aparecem em revistas, para ver se ela se identifica. Temos várias amigas que usam o cabelo enrolado. Ela está começando a se aceitar mais, mas é difícil”, comenta. FOTO: GILDO LOYOLA

DICAS DE LEITURA

■ “O menino marrom” – Ziraldo (Ed. Melhoramentos)

Maria Lúcia da Silva e Marilza de Souza Martins (Ed. Gente)

■ “Menina bonita do laço de fita” – Ana Maria Machado (Ed. Melhoramentos)

■ “Berimbau” – Raquel Coelho (Ed. Ática)

■ “Gostando Mais de Nós Mesmos” – Ana Maria Silva,

■ “Pretinha, Eu?” – Júlio Emílio Braz (Ed. Scipione)

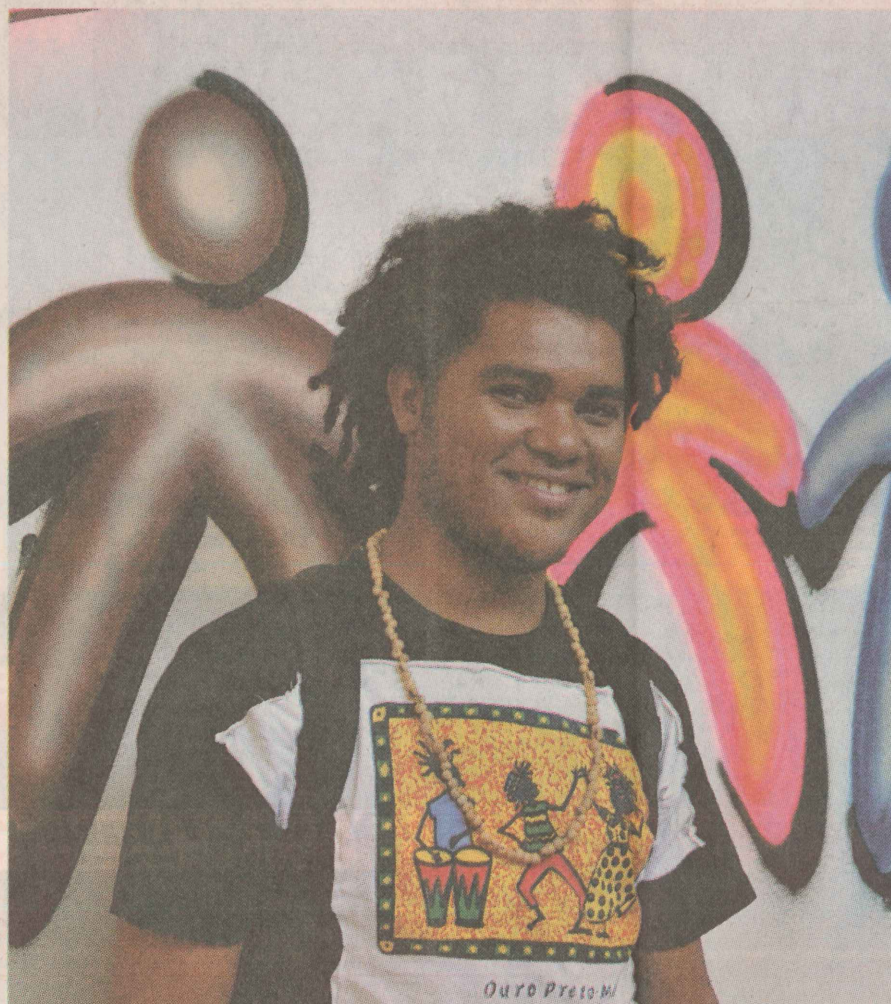
NEGRITUDE

Questão racial sempre à flor da pele

JONATAS NERY

26 anos, universitário

Venho de uma família tradicional de negros protestantes. Lembro que, quando criança, chamava as meninas negras da escola de macacas. Minha avó era muito racista. Tratava os negros como inferiores. E era negra! Fui crescendo e ampliando minha percepção sobre o mundo e a questão racial. Na adolescência, já me perguntava sobre a questão étnica. Comecei a questionar por que, na sociedade, ser negro não é bom. Por que negro é a cara do medo? Por que o negro é o marginal? Por que, nas novelas, o negro é o servente, a cozinheira que passa de cabeça baixa? A maior mentira que dizem é que negro é racista. O negro apenas reflete os valores da sociedade na qual está inserido. A questão racial sempre esteve na minha pele! Falo para a minha irmã não alisar o cabelo, que ela vai ser frustrada o resto da vida dela. As mães deveriam ensinar suas filhas negras a trançar os cabelos, e não alisar! Tem que construir uma imagem positiva do negro, conhecer a cultura negra. O fato é que assumir a negritude é muito difícil. FOTO: GILDO LOYOLA



FAÇA O TESTE ABAIXO E VEJA COMO ESTÁ A SUA AUTO-ESTIMA

■ 1 - Se eu pudesse nascer de novo, preferiria nascer branco (a).

sim
 não

bem na música e no esporte.

sim
 não

■ 2 - Quando entro em um local público e olham para mim, penso que é porque sou negro (a).

sim
 não

■ 7 - As pessoas mais bonitas são as loiras de olhos azuis.

sim
 não

■ 3 - Prefiro ir a lugares frequentados por negros, pois me sinto mais à vontade.

sim
 não

■ 8 - Os negros não sabem aproveitar as chances que têm para melhorar de vida.

sim
 não

■ 4 - Fico sem graça quando vejo alguém referindo-se a um negro com desprezo.

sim
 não

RESPOSTAS

■ **SIM para 7 ou 8 questões:** sua auto-estima está baixa, você precisa dar a volta por cima urgentemente

■ 5 - Quando contam uma piada sobre negros, fico quieto (a).

sim
 não

■ **SIM para 3 a 6 questões:** sua auto-estima está razoável, mas pode ser melhorada

■ 6 - Os negros só se dão

■ **SIM para 0 a 2 questões:** sua auto-estima está elevada. Parabéns!

IDENTIDADE Há projetos cujo foco é a valorização da raça negra, como o Núcleo Odomodê, da Prefeitura de Vitória

Diversidade e respeito já fazem parte do currículo escolar

Algumas escolas já fazem trabalhos para despertar a turma para a diversidade da raça humana

PAULA STANGE

pstange@redgazeta.com.br

Desde 2003, as escolas de ensino fundamental e médio de todo o país são obrigadas a ensinar História e Cultura Afro-Brasileira. A pergunta vai para o professor: como passar para as crianças em sala de aula o que não aprendemos em cinco séculos, nem na escola nem no convívio social?

Difícil responder. Boa parte dos professores, assim como das pessoas, não está preparada para falar da temática, quando deveria, ao mesmo tempo, estimular o potencial de crianças negras e colaborar para a construção de uma sociedade de cidadãos menos racistas.

“Os professores, apesar da lei, não foram treinados para terem um olhar crítico com relação à história do negro”, diz a psicóloga Maria Lúcia da Silva, do Instituto Amma-Psiquê e Negritude, uma ONG de São Paulo.

A professora do Centro de Educação da Ufes, que pesquisa as questões étnico-raciais, Dulcinea Benedito, lembra que muitos conteúdos ainda estão sendo produzidos. “Eles são



DIDÁTICO. Na escola municipal Ana Maria Chaves Colares, em Jardim Camburi, desde o berçário as crianças têm contato com a questão racial. Depois de conversar com os pais, a escola adotou o projeto da boneca negra que visita a casa de cada aluno. FOTO: GILDO LOYOLA

racial desde o berçário. A idéia da boneca negra deu muito certo, contam os professores.

“Cada criança leva a boneca negra para casa por um dia. Tivemos o cuidado de conversar com os pais

negra, como o Núcleo Odomodê, da prefeitura de Vitória.

“Trabalhamos com jovens a valorização da cultura e da identidade afro. Temos cursos de percussão, teatro, penteados afro,

“Já temos 1.000 experiências em escolas de todo o país. Os resultados mostram uma melhora no desempenho das crianças negras. Elas ficam mais co-

municativas e participativas nas aulas. E 52% dos projetos foram criados por professores brancos”, cita a diretora da ONG, a psicóloga Cida Bento.

CINCO PONTOS A SEREM MELHORADOS NA ESCOLA

1 Currículo. Hoje, a legislação brasileira já dá instrumentos para que as questões étnicas estejam nos currículos escolares. É necessário um currículo que aborde melhor a história da África e faça menção ao movimento social organizado que luta contra o racismo na sociedade brasileira. O Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, é comemorado por poucas escolas.

2 Professores mais bem informados. Os professores devem informar-se melhor sobre conteúdos como a cultura afro-descendente e a história do continente africano. Eles devem estar atentos para os sinais de presença do racismo na sala de aula. Não devem silenciar sobre o problema.

3 Material didático pedagógico. Desde 1996, o MEC faz uma triagem para evitar a circulação de livros didáticos com material considerado preconceituoso. No entanto, nos livros, os brancos ainda são maioria nas ilustrações. Muitas vezes, os negros aparecem em situações que remetem ao desrespeito social, entre outros aspectos negativos.

4 Divisão do afeto. Há profissionais que tratam de forma diferente crianças negras e brancas, mesmo inconscientemente. Pesquisas

do produzidos. "Eles são importantes para que a criança negra se reconheça na sociedade".

RESPEITO. Felizmente, há escolas que fazem trabalhos importantes que visam a despertar a turma para a diversidade da raça humana e promover o respeito pelas diversas etnias.

Um exemplo é a escola municipal Ana Maria Chaves Colares, em Jardim Camburi, Vitória, que resolveu trabalhar a questão

de conversar com os pais antes de implantar o projeto. Não esperamos a discriminação acontecer", explicou a diretora da unidade municipal, Lizandre Carpanedo.

Na hora do teatrinho, entram em ação os pintinhos branco, preto e amarelo para falar do conceito de que em sua essência todas as pessoas são iguais.

VALORIZAÇÃO. Para além da escola, há projetos cujo foco é a valorização da raça

são, teatro, penteados afro, dança, violão. Damos referências positivas para que o negro acredite no seu potencial", diz a coordenadora do Programa de Inclusão Social da Juventude Negra, Sandra Ferreira.

Desde o ano passado, a ONG Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), de São Paulo, promove um prêmio para destacar experiências de professores em todo o país na área da igualdade racial.

Unesco: 22% dos negros são alvo de ofensas na sala de aula

Xingamentos mais comuns são os de cunho racista; menos de 7% dos brancos afirmam ter sido ofendidos

Uma pesquisa da Unesco, divulgada no início deste ano, mostra que os estudantes que declararam ser pretos sofrem mais com o preconceito: 22% deles já foram xingados por causa de sua cor de pele, percentual que cai para 6% entre os estudantes brancos.

Os xingamentos mais comuns são os de cunho racista. Entre as palavras mais lembradas para agre-

dir, os alunos citaram apelidos como "macaco", "escrava", "picolé de asfalto" ou "cabelo duro".

O estudo revelou também que os alunos negros têm as mais baixas pontuações em Matemática e Português nas séries do ensino fundamental e do ensino médio. Essas diferenças aumentam nas séries mais avançadas.

Na 4ª série do ensino fun-

damental, a média da nota dos alunos brancos é 12,40 pontos maior do que a dos alunos negros. Já na 3ª série do ensino médio, é 22,41 pontos maior do que a dos estudantes negros.

Segundo a pesquisa, são limitadas as propostas para lidar com questões relacionadas à cultura étnico-racial e racismo nas escolas, quando as estatísticas sobre a educação apontam que as crianças e adolescentes de descendência africana são os que mais evadem ou são excluídos da escola.

Silêncio também fere, afirma pesquisadora

A pesquisadora Dulcinea Benedicto Pedrada observa que cabe à escola garantir um espaço acolhedor aos alunos negros e estar preparada para lidar com as situações de discriminação. "A escola não tem o direito de silenciar", afirma. Para a psicóloga Maria Aparecida Silva Bento, o silêncio do professor diante de uma

atitude racista chega a ferir mais a criança do que um ato explícito. "A professora pode até criticar o cabelo da aluna negra, mandando prendê-lo. Mas quase sempre ela age com indiferença. Elogia e toca o cabelo liso da menina branca. A criança percebe isso, que seu cabelo nunca é tocado", observa.

e brancas, mesmo inconscientemente. Pesquisas mostram que a criança negra dificilmente recebe elogios e percebe que outras crianças que têm as mesmas características não o recebem.

5 Assumir a diversidade racial. Nas escolas, há uma minoria negra nos cargos de chefia, o mesmo acontece em secretarias de Educação, por exemplo.

Serviço

■ *Odomodê - Rua Ariobaldo Bandeira, nº 4, Bairro Bonfim, em Vitória. Tel.: 3382-6154*

■ *Instituto Amma-Psiquê e Negritude - Tel.: (11) 3865-9305*

■ *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) - site www.ceert.org.br e telefone (11) 6978-8333*

■ *Escola Municipal Ana Maria Chaves Colares - Rua Osvaldo Bastos de Souza Freitas, 380, bairro Jardim Camburi, em Vitória. Tel.: 3237-2022*

REALIDADE DOS NEGROS EM NÚMEROS

Repetência escolar

■ O índice de repetência de crianças negras é maior que das brancas desde a pré-escola. Dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, do IBGE, mostram que das crianças de 7 anos ou mais que ainda estão na pré-escola 63,5% são negras - pretas ou pardas -, e 36,5% são brancas.

Presença na escola

■ Negros são apenas 33% nas escolas privadas do país, segundo o último censo do Inep. Já nas escolas públicas, esse índice ultrapassa a metade, chegando a 56,4% dos estudantes. No Espírito Santo, a diferença entre alunos brancos e negros (pardos e

pretos) matriculados no ensino médio nas escolas particulares não é tão grande. Os brancos são 11.855, e os negros são 8.861.

No vestibular

■ 43% dos alunos que passaram no último vestibular da Ufes (2007) se auto-declararam negros (pardos ou pretos)

Violência

■ Cerca de 85% das vítimas de homicídios registrados entre 2000 e 2003 nos bairros de Vitória são negras ou afro-descendentes. Os dados são da Prefeitura de Vitória, com base num estudo desenvolvido pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

ORIENTAÇÕES CONTRA O PRECONCEITO PARA OS PAIS

Como agir quando o filho diz: "Ele me xingou de negrinho (a)"?

Cabe aos pais acolher a criança com gestos carinhosos, dando colo, abraçando, dando atenção e perguntando a ela o que está sentindo. Depois, quando a criança estiver mais calma, e os pais também, é importante conversar sobre o ocorrido, falar das diferenças ra-

ciais na sociedade, em linguagem simples, de acordo com a faixa etária dela.

Eles devem reforçar o nome da criança e ensiná-la que é assim que ela deve ser chamada, e não por apelidos ou referências às suas características físicas. A palavra "negrinho" não é nenhuma ofensa. O problema é a forma como é proferida, em que tom. Crianças são mais sensí-

veis à sonoridade das palavras do que a seus significados.

Quais os recursos que devem ser usados para elevar a autoestima da criança negra?

Os pais devem incentivar a criança a apreciar a sua imagem, reforçar a beleza de sua cor, de seu cabelo, a sua inteligência e suas habilidades, aptidões - coisas que ela sabe fazer

bem, como desenhar, dançar, tocar um instrumento, construir ou consertar objetos.

Devem oferecer a ela revistas, livros e histórias com personagens negros para que ela possa se identificar com eles. É importante propiciar contato constante com outras crianças negras.

A partir de que idade deve-se conversar com a criança

sobre a questão racial? Como fazê-lo?

Pode-se conversar com a criança a partir dos 3 anos de idade, quando ela já tem estabelecidas as noções de diferenças sexuais e raciais. Mas é importante respeitar o seu nível de compreensão e utilizar uma linguagem simples, além de falar apenas aquilo que ela quer saber e pode compreender. As diferenças raciais de-

vem ser vistas sempre do ponto de vista positivo, como parte da diversidade das características humanas. Não se pode permitir que as crianças negras ofendam as crianças de outras raças da mesma forma como não devem ser ofendidas.

(Fonte: Livro "Gostando mais de nós mesmos" - Amma-Psique e Negritude - São Paulo)